

Texto extraído dos cursos ministrados aos domingos por Dr. Roberto Assagioli no Instituto de Psicossíntese, Florença, 1966. Tradução Livre: Centro de Psicossíntese de São Paulo, set/2016.

Aula 03.1966.

JUNG E A PSICOSSÍNTESE - TERAPIA E EDUCAÇÃO

Dr. Roberto Assagioli

Na aula anterior, começamos a examinar as fases da *transformação da personalidade e sua integração ou psicossíntese*. Estas fases – a parte a ação da *transferência* – desenvolvem-se espontaneamente ou, mais exatamente, pela ação formadora e sintetizadora dos símbolos que emergem do inconsciente. Segundo Jung, nem o médico, nem a vontade do Ego, o Eu consciente, intervém ativamente neste processo.

Na terapia psicossintética – ainda que reconhecendo plenamente a importância dos processos espontâneos de autocura e a função integradora dos símbolos – afirma-se e demonstra-se que esses processos podem ser favorecidos e eficazmente ajudados pela cooperação da personalidade consciente. Esta ação é desenvolvida a partir daquilo que constitui o Centro, o elemento dinâmico, isto é, a *consciência de si* como sujeito consciente e ativo, e a sua *vontade*.

Tal cooperação ativa demonstra-se em muitos casos necessária por duas razões opostas. A primeira, já mencionada, por conter e dominar as energias que irrompem do inconsciente e depois por promover a transmutação, a sublimação e o emprego construtivo. Trata-se principalmente de tendências e energias sexuais, emocionais e agressivas, que vão intensificar as já presentes na personalidade consciente. É evidente quão importante é esta parte do tratamento e, portanto, a consciência e o uso dos métodos ativos para realizá-la. São métodos que podem ser amplamente usados também na educação e na autopsicossíntese e que, portanto, merecem ser conhecidos, aplicados e praticados de forma mais ampla.

A segunda razão para a cooperação ativa ao realizar a integração, a síntese da personalidade, é a utilidade, aliás, não raro a necessidade, de desenvolver mediante treinamentos ativos as funções psíquicas que permaneceram em estados primitivos, infantis, paralisadas ou inibidas pela repressão. Não raro isso ocorre no homem moderno, tomado pelos interesses e atividades práticas, ou que desenvolveu a função

intelectual de modo unilateral, a quem faltam ou estão atrofiados os sentimentos superiores, a sensibilidade estética, a capacidade de comunhão com a natureza e de comunicação *humana* com os outros.

Em outros casos, a exuberância emocional ou imaginativa deixa em condições de inferioridade a atividade mental e às vezes também a prática. Há, além disso, os casos colocados em evidência por Jung, nos quais as aspirações e as necessidades superiores são menosprezadas ou desvalorizadas e, portanto, negligenciadas e reprimidas. Ter chamado a atenção dos psicoterapeutas sobre estes casos e ter favorecido na sua atividade médica a manifestação e a satisfação das exigências espirituais é um dos maiores méritos de Jung, talvez o maior.

*Porém, pode-se ir além deste caminho aberto por ele. Isto é, repito, pode-se ajudar mais ativamente a manifestação das tendências e energias supraconscientes. Em muitos casos – aliás, acredito que se possa dizer em todos – é necessário um treinamento ativo para eliminar, ou pelo menos atenuar, o desequilíbrio no desenvolvimento das diversas funções psicológicas. Esta ajuda é particularmente necessária para que o Eu consciente consiga conter e assimilar as energias supraconscientes que irrompem, e a integrá-las harmonicamente na totalidade da vida psíquica. Este tema foi tratado no escrito “Desenvolvimento espiritual e doenças nervosas” (Instituto de Psicossíntese, 1933), publicado em francês sob o título *Développement Spirituel ET Troubles Neuro-Psychiques* e em inglês *Self-Realization and Psychological Disturbances* (este último republicado no livro *Psychosynthesis – A manual of Principles and Techniques*).*

O uso das técnicas ativas pode e deve ser promovido pelo médico. Eu disse “promovidas”, uma vez que não é necessário que seja ele mesmo a ensiná-las e a usá-las. Ele pode valer-se do auxílio de “técnicos” competentes, confiando ao paciente às respectivas tarefas, mas mantendo sempre a direção do tratamento segundo um programa bem definido e principalmente incitando o paciente a aprender o mais cedo possível a *fazer por si*.

Estas técnicas reúnem varias possibilidades. Nomearei somente os grupos principais.

- I. Técnicas psicofísicas

1. Exercícios de relaxamento.
2. Percepção das sensações físicas, incluindo as musculares (Método de Vittoz).
3. Exercícios de coordenação neuromuscular – Movimentos rítmicos e dança.
4. Atividades manuais de vários tipos.
5. Trabalhos do tipo artesanal.
6. Desenhar, pintar e modelar.
7. Tocar instrumentos musicais.
8. Declamação – Recitação – Canto.

II. Técnicas psicológicas

Algumas dessas são usadas nos exercícios feitos em grupo no Instituto de Psicossíntese.

1. Observação.
2. Visualização.
3. Evocação de “imagens” auditivas, táteis, olfativas, e etc.
4. Exercícios mentais – Meditação reflexiva, e etc.

III. Técnicas psíquicas

Existem dois grupos:

1. Aqueles que favorecem a abertura da consciência ao afluxo “descendente” dos conteúdos e das energias supraconscientes.
2. Aqueles que promovem a elevação do Eu ou Ego, o Centro de autoconsciência, aos níveis habitualmente supraconscientes e até a unificação com o EU espiritual.

O uso destas técnicas em terapia é escolhido oportunamente caso a caso; elas devem ser combinadas e alternadas segundo um plano ou programa que se propõe favorecer a integração gradual e harmônica da personalidade. Tal programa constitui o caráter específico da terapia e da educação psicossintética.

Mencionei também “a educação psicossintética”, porque a maior parte das técnicas enumeradas pode – com oportunas adaptações e modificações – ser usada de forma muito útil na ação educativa, tanto na família quanto na escola.

Isto nos leva a falar das ideias de Jung sobre educação. Uma vez que não se ocupou direta e ativamente das aplicações educativas de suas concepções, ele escreveu sobre educação coisas de grande interesse e valor.

Em 1910, Jung já havia publicado um ensaio sobre *Conflitos da alma infantil*, no qual – baseado em uma série de cuidadosas observações sobre desenvolvimento psicológico de uma criança de 4-5 anos – são examinados acuradamente vários problemas que surgem na alma infantil e que, portanto, os pais deverão enfrentar.

Estes problemas referem-se ao nascimento das crianças, o contraste entre fantasia e pensamento, as relações afetivas com os pais, e etc. Principalmente nos vários prefácios às edições sucessivas e no *Apêndice* estão contidas sábias considerações sobre relatividade e complementaridade dos vários pontos de vista e das várias interpretações em psicologia, e são dados conselhos úteis em relação aos modos nos quais instruir e explicar às crianças fatos relativos à sexualidade. Este ensaio está contido em um volume publicado também em italiano com o título *Psicologia e Educação* (Roma, Astrolabio, 1947). A maior parte do volume é constituída do texto, reelaborado, de três conferências dadas por Jung em Londres no ano de 1924 sobre *Psicologia Analítica e Educação*. Nestas conferências, Jung enquadra suas ideias e experiências educativas na própria concepção psicológica geral. Ele a chama “psicologia analítica”, mas (como apontei em uma aula anterior) tem um caráter sintético.

Jung oferece a seguinte exposição resumida: ‘A psicologia analítica distingue-se da psicologia experimental na medida em que não tenta isolar cada uma das funções (funções sensoriais, fenômenos emocionais, processos de pensamento, e etc.) e submetê-las às condições de experimento com objetivo de pesquisa; ela se ocupa, no entanto do fenômeno total da psique como ele existe naturalmente, e, portanto de uma configuração extremamente complexa, ainda que esta possa ser dissolvida na investigação crítica em complexos parciais mais simples. Outra diversidade está no método e no exercício da nossa ciência. Não temos um laboratório com aparelhos complicados. O nosso laboratório é o mundo. Os nossos experimentos são verdadeiros acontecimentos da vida humana de cada dia e as pessoas sobre as quais

fazemos experimentos são os nossos pacientes, nossos discípulos, nossos pais, nossos amigos e – *last but not least* – nós mesmos. Não há picadas de agulhas, choques artificiais, luzes surpreendentes e nem as múltiplas e artificiais condições do experimento de laboratório; mas são as esperanças e os perigos, as dores e as alegrias, os erros e os sucessos da vida real a fornecer-nos o material de observação necessário. A nossa intenção é de compreender a vida do melhor modo possível, como ela se apresenta na alma do homem'. (pp.43-44).

Esta concepção junguiana coincide plenamente com a da psicossíntese.

Jung que, como vimos dá uma grande importância na psicoterapia à relação humana, dá também na educação uma importância determinante à relação psicológica entre pais e filhos e entre professores e alunos. Por isso, o educador deve adquirir uma clara consciência de que as próprias ignorâncias e deficiências psicológicas, os próprios complexos e os próprios conflitos têm *inevitavelmente* repercussões prejudiciais sobre aqueles que ele quer ou deve educar. Portanto ele deve reconhecer a sua grande responsabilidade e o seu dever em preparar-se a sua nobre, mas árdua tarefa mediante uma adequada autoeducação, baseada em descobertas e métodos da nova psicologia dinâmica.

Jung assim se expressa a respeito: 'Naturalmente é absolutamente impossível que os pais não tenham complexos. Seria sobre-humano. Deveria, porém, enfrentar conscientemente os seus complexos. Por amor aos filhos deveriam obrigar-se a não esquecer as próprias dificuldades internas'. (p. 83).

As aplicações particulares das ideias e dos métodos de Jung à educação não se prestam a resumos; é necessário ver como ele os usa nos casos que expõe e que cada um pode ler em seu livro.

Por outro lado, uma discípula de Jung, a Dra. Wickes, escreveu um ótimo livro sobre a psicologia infantil (precedido de uma ampla introdução do próprio Jung), intitulado *O Mundo Psíquico da Infância* (Roma, Astrolabio). Nele, acima de tudo, no capítulo *Os problemas dos pais na sua influência sobre a criança*, são dados preciosos conselhos para a educação das crianças.

Um capítulo particularmente interessante e original é sobre o aspecto, pouco observado e não levado em consideração, da psique infantil – o dos *companheiros imaginários*.

A última sábia contribuição para o volume *Psicologia e Educação* é o texto de uma conferência dada por Jung em 1942 sobre *A criança superdotada*. Trata-se de um tema de particular importância e atualidade, dado o crescente interesse que há agora pelo reconhecimento e educação das crianças dotadas e das particularmente superdotadas. Essa exposição merece ser citada com certa amplitude uma vez que Jung acrescenta a ela suas próprias experiências e dificuldades como *criança superdotada*.

Aqui o relatório, escrito com vivacidade e humor, dos casos escolares de Jung:

‘Quando era um aluno de doze anos, não me sentia inteiramente abobalhado e estúpido, mas ficava muitas vezes excessivamente entediado quando o mestre se afobava com aqueles que não estavam em condição de acompanhar, mas o tédio não era por certo o perigo. Entre os muitos temas de composição, que não eram nada estimulantes, houve uma vez um tema interessante. Eu me pus a trabalhar com empenho e burilei minhas frases da melhor forma possível. E na alegre expectativa de ter escrito o melhor tema, ou pelo menos um dos melhores, entreguei-o ao mestre. Devolvendo-os ele discutia antes a melhor composição e depois as outras, por ordem de valor. O meu não foi o primeiro, nem o segundo e nem mesmo o terceiro. Todos os outros vieram antes do meu e quando havia terminado de discutir também o último produto, o mais fraco de todos. O mestre se inflou de maneira ameaçadora e sinistra e disse as seguintes palavras: “A composição de Jung é de longe a melhor, mas ele lançou o tema de modo superficial e sem reflexão. Por esta razão, não merece nenhuma classificação”. “Não é verdade, nunca trabalhei tanto para uma composição como esta,” interrompi o mestre. “É uma mentira! – pôs-se a gritar ele – pense em X (que era o estudante que tinha feito a composição pior), X sim que fez esforço real. Ele construirá seu caminho na vida, mas você não, porque com habilidade e com truques não se concretiza nada”. Fiquei em silêncio e daquele momento em diante não trabalhei mais pelas lições de alemão.

É verdade que esta experiência data de mais de meio século e não duvido que entrementes as condições da escola mudaram e melhoraram. Mas aquela vez, ela me deu muito a pensar e deixou-me um gosto amargo que, porém, com uma maior experiência da vida, deu lugar a uma avaliação mais equitativa. Compreendi que, no fundo, a atitude do mestre era determinada pelo nobre princípio de ajudar os fracos e de extirpar o mal. Acontece muitas vezes, infelizmente, que estes princípios sejam

elevados à potência máxima as quais, e por sua vez, são aceitos sem reflexão. Desta forma consegue-se uma deplorável caricatura do bem: é verdade que com isto ajudam-se os fracos e combate-se o mal, mas ao mesmo tempo se delinea o perigo de negligenciar os indivíduos mais dotados, como se o sair da linha fosse uma questão escabrosa e inconveniente. Não há nada a fazer: o homem médio desconfia e suspeita de tudo isto que a sua inteligência não pode compreender. “Ele é inteligente” – frase que justifica as mais sombrias suspeitas!’ (pp.135-137).

Jung deplora justamente este conceito pseudo-humanitário e esta falsa concepção da democracia:

‘Querer nivelar a totalidade do povo reduzindo-a a um rebanho, suprimindo a natural estrutura aristocrática e hierárquica (no sentido psico-espiritual, note-se bem), leva infalivelmente, cedo ou tarde, a uma catástrofe’. (pp.144-145).

Jung faz em seguida ótimas observações sobre dificuldades em reconhecer e de educar as crianças superdotadas:

‘O problema da criança superdotada não é de modo algum um problema simples, porque ele não é reconhecível somente pelo fato de ser um bom aluno. Alias, em certos casos, é até o oposto. Pode até mesmo distinguir-se de modo desfavorável por uma particular distração, tem a cabeça plena de bobagens, é preguiçoso, negligente, desatento, mal educado, teimoso e pode até mesmo dar a impressão de ser uma criança pouco desperta. Muitas vezes, observando somente de fora, pode ser difícil distinguir uma criança superdotada de uma fraca mentalmente. Por outro lado, não se deve esquecer que as crianças superdotadas não são sempre precoces, mas que tem, aliás, um desenvolvimento lento, tanto que seus dotes podem permanecer latentes por muito tempo’ (pp.137-138).

Jung coloca em evidência e mostra a importância daquilo que ele chama de dons do coração:

‘Além dos dons mentais existem também os do coração, que não são menos importantes, mas que facilmente passa despercebido, isto porque muitas vezes nestes casos a cabeça é mais fraca que o coração. Todavia, pessoas deste tipo são frequentemente mais úteis e mais preciosas para o bem estar da sociedade, do que as intelectualmente dotadas. (p.141).

‘As crianças superdotadas não encontram complicações somente no campo intelectual, mas também em nível moral, ou seja, no campo dos sentimentos. Os adultos que deturpam tão frequentemente a verdade, que dizem mentiras e pecam por infinitas negligências morais podem provocar em uma criança que tenha um talento moral problemas, que a perturbem muito. Assim como não se leva em conta ou se subvaloriza a sensibilidade ou a precocidade intelectual, tão pouco se leva em conta ou valoriza a crítica moral e sentimental da criança superdotada. Frequentemente os dons do coração não são tão evidentes e não saltam aos olhos quanto os intelectuais e técnicos. No entanto, eles têm o direito de exigir do educador atenção especial. Eles também exigem do educador o máximo, isto é que seja educado ele mesmo’. (p.140).

Enfim, Jung chama a atenção das proporções e contradições existentes nas crianças superdotadas e os perigos que seus dons sejam usados de forma antissocial e destrutiva:

‘Existem não poucas pessoas superdotadas, cuja utilidade está paralisada, muitas vezes até pervertida, por suas insuficiências humanas em todos os outros campos. O talento não é certamente um valor, o é somente se o resto da personalidade pode segui-lo até que ele possa ser utilizado de modo vantajoso. Infelizmente, uma capacidade criativa pode manifestar-se igualmente bem no sentido destrutivo. Que ela se transforme para o bem ou para o mal, a decisão cabe unicamente à personalidade moral’. (p.142).

Sobre a educação daquelas crianças, Jung coloca o problema se devem ser reunidas em escolas especiais ou deixadas nas normais. Ele inclina-se pela segunda solução, mas não aprofunda o problema nos seus vários aspectos. Este argumento foi por mim tratado no artigo *A educação dos Jovens particularmente dotados*, publicado na revista “Humanidade a Caminho” em 1959. (foi feita uma reprodução que está disponível).

A educação é uma forma de relação interindividual. Vamos, portanto examinar os problemas e os métodos das relações interindividuais e sociais segundo Jung e segundo a psicossíntese.

A terapia junguiana tem na prática, por meta ou último estágio a *individuação*. Disse *na prática* visto que Jung admite que (cito suas palavras) ‘o processo natural de individuação leva consigo uma consciência daquilo que é a comunidade humana... A individuação determina uma unificação consigo mesmos e, portanto, também com a

humanidade da qual cada um carrega em si uma parcela'. (La Guérison Psychologique, p.228).

Porém, Jung limita-se a estes acenos que indicam mais uma aspiração que um encaminhamento efetivo naquela direção; em seu método não se propõe a ajudar ativamente o paciente a por em prática, a *viver* aquela participação com os outros seres humanos. Ao contrário, ele insiste muito sobre a contraposição, aliás, sobre o contraste agudo entre o indivíduo e a massa, entre a vida pessoal e a pressão coletiva exercida pela vida social moderna. Esta é organizada e disciplinada, não somente materialmente, mas também psicologicamente, como demonstram as ideologias de massa, os apelos ao conformismo, as sugestões e as pressões da publicidade e das várias propagandas. Jung compartilha sua posição polêmica com vários outros críticos da vida moderna: filósofos, sociólogos e psicólogos; entre os quais principalmente, Erich Fromm.

Há – infelizmente! – muito de verdade em tudo isto; mas a contraposição rígida e extrema parece-me unilateral, absoluta. Devemos reconhecer que entre o indivíduo e a massa existe a ampla esfera das *relações humanas*; elas fazem parte da vida normal do homem, que por sua ampla natureza, além de que por necessidade externa, é um *ser social e sociável*. É bem verdade que estas relações humanas estão longe de serem fáceis, harmônicas e *construtivas*, como constatamos a cada instante! À parte as pressões da massa, as relações humanas encontram muitas dificuldades. Aqueles que são predominantemente introvertidos têm dificuldade em criar relações psicológicas com os outros, a *comunicar-se* humanamente. Por outro lado, aqueles que são predominantemente extrovertidos estabelecem facilmente uma ampla rede de relações, mas estas são de natureza superficial, *extrínseca*, de forma que o indivíduo permanece de fato, *psicológica e espiritualmente isolado*.

As dificuldades e os contrastes nas relações humanas dependem principalmente da excessiva tendência à autoafirmação e da sobrevalorização do sucesso externo. Isto leva a desvalorizar ou a reprimir os sentimentos superiores: a capacidade de compreensão amorosa, a compaixão, o amor altruísta. É necessário, portanto reavaliar e desenvolver ativamente aqueles sentimentos. Há, repito métodos eficazes para fazê-lo e o terapeuta e o educador podem e devem indicá-los e favorecer seu uso.

O primeiro passo é o reconhecimento e a justa avaliação dos valores humanos e superiores. Um modo eficaz para promover tal reconhecimento é a consciência e o

exemplo suscitador daqueles que tem realizado na sua vida tais valores. São os heróis, os santos, os grandes benfeitores da humanidade. Mas existem muitos, muito mais do que se acredita, também entre as pessoas simples, entre os humildes, como demonstram as belas iniciativas (que ocorrem com frequência neste momento) dos “prêmios de bondade”.

O segundo passo é suscitar e alimentar a **boa vontade**; e existem vários modos para fazê-lo. Um método muito eficaz é o contato direto com o sofrimento humano, que pode ser criado mediante visitas e, melhor, atividades beneficentes nos hospitais, nas prisões, nos submundos das cidades e nas aldeias isoladas.

Há em seguida a **cooperação** em atividades criativas e socialmente úteis, nas quais se desenvolve o espírito de grupo, a solidariedade e entrelaçam-se acordos e amizades. Por outro lado, há uma série de métodos dos quais não falarei agora, não só por falta de tempo, mas porque eles, já apontados, foram expostos na II Aula do Curso dado neste Instituto, em 1965. Limitar-me-ei a enumerá-los:

1. Métodos preliminares. Eliminação dos obstáculos: egocentrismo, autoafirmação separativa, hostilidade, e combatividade, prejuízos e preconceitos.
2. Métodos positivos. Compreensão – Generosidade – Boa vontade – Amor altruístico.

A ajuda a realizar a *psicossíntese interpessoal e de grupo* – chamada também interindividual e social – constitui uma parte importante, aliás, necessária, da terapia e da educação psicossintética. Pode-se dizer, e foi justamente afirmado, que a nossa civilização mesma pode ser considerada neurótica, desequilibrada e que existem verdadeiras e próprias neuroses e psicoses de grupo; por exemplo, certas exaltações nacionalistas e certos fanatismos ideológicos. Por isso, a psicoterapia pode e deve incluir e assumir estas mais vastas tarefas. Todo paciente que seja ajudado a estabelecer corretas relações torna-se um elemento de equilíbrio e de saúde para a comunidade e inversamente toda ação dirigida a curar os desequilíbrios e as psicoses coletivas, torna menos árduo aos indivíduos conseguir manter a própria saúde.

Assim, as tarefas e as atividades dos médicos, dos educadores, de todos aqueles que, em vários campos dedicam-se à recuperação da sociedade, integram-se e unem-se em um duplo propósito. O primeiro e urgente é salvaguardar a humanidade dos

perigos que ela mesma cria para si pela sua cegueira, pela sua loucura. O segundo consiste em promover o aparecimento de uma nova e melhor civilização, na qual cada um possa livremente explicar e dar valor, para o bem de todos, às admiráveis potencialidades inerentes a cada ser humano.